

VALORIZAÇÃO E COMPREENSÃO DE POVOS NATIVO-AMERICANOS EM UMA TURMA NO ENSINO PÚBLICO PELOTEENSE

**PEDRO AUGUSTO BERTOLDO CASTILHOS¹; EDUARDO PEREIRA DA SILVA
SCHLEE²; VANESSA DOS SANTOS LEMOS³**

MAURO DILLMANN TAVARES⁴:

¹ Universidade Federal de Pelotas – pbertoldoc@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – eduardo.schlee@gmail.com

² EMEF. Osvaldo Cruz - nessa.historia82@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – mauro.dillmann@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra as atividades realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), vinculado à disciplina de História. Trata-se de um relato de experiência que descreve, analisa e reflete sobre a aplicação de uma oficina temática intitulada “Povos da América”, desenvolvida junto a alunos do 8º ano B da Escola Municipal de Ensino Fundamental Osvaldo Cruz.

A proposta teve como objetivo principal ampliar a compreensão dos estudantes sobre a diversidade cultural e histórica das sociedades indígenas americanas antes da invasão dos europeus, explorando diferentes espacialidades (América Central, América do Sul e Brasil) e temporalidades (períodos pré-colombianos e resistências contemporâneas).

O trabalho também se insere na discussão sobre a importância da abordagem de temas indígenas no Ensino Fundamental, conforme previsto na Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. Alinhado às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a oficina buscou promover não apenas a aquisição de conhecimentos históricos, mas também a valorização da diversidade cultural, o pensamento crítico e o respeito aos povos originários.

O PIBID, nesse contexto, representa um espaço privilegiado para a formação docente, pois possibilita a vivência prática em sala de aula e o contato direto com a realidade escolar. Essa aproximação favorece o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, amplia o repertório de estratégias de ensino e consolida o vínculo entre a universidade e a rede pública de ensino.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A oficina “Povos da América” foi realizada durante um período de aula de História, sob orientação da Prof.^a Me. Vanessa dos Santos Lemos, tendo como público-alvo exclusivamente os estudantes do 8º ano B, com faixa etária aproximada de 13 a 14 anos. Sua preparação envolveu um processo de pesquisa e seleção de conteúdos sobre os povos Maias, Mexicanas, Incas, Guaranis e Xavantes, abordando localização geográfica, organização social, economia, aspectos culturais, curiosidades e os impactos da colonização.

Com base nesse levantamento, elaborou-se uma apresentação em *slides*, complementada por exposições orais conduzidas alternadamente pelos bolsistas, de modo a tornar a dinâmica mais atrativa e interativa. Durante a aula, cada povo

foi contextualizado de forma a evidenciar suas singularidades. Foram apresentados os avanços astronômicos e matemáticos dos Maias, a estrutura militar e urbanística dos Mexicas, a economia centralizada e as obras de engenharia dos Incas, a espiritualidade e organização comunitária dos Guaranis e a resistência e tradições guerreiras dos Xavantes.

Nesse sentido, foi necessário pensar nas reflexões realizadas pela historiadora Luisa Wittmann e o conceito de “agência indígena” que ressalta como a nova história indígena comprehende os povos originários como protagonistas de suas trajetórias e como sujeitos históricos e culturais complexos (Wittmann, 2018).

Então, após a exposição, propôs-se uma atividade prática a ser realizada em casa, com entrega na semana seguinte. Os alunos puderam escolher livremente entre elaborar um desenho, montar uma colagem ou escrever uma carta, desde que a produção representasse um dos povos estudados e contivesse elementos culturais característicos. Essa liberdade de escolha teve como objetivo favorecer a expressão criativa, permitir diferentes formas de engajamento e evitar que o processo educativo se tornasse um fardo.

As produções foram entregues posteriormente e avaliadas como parte da nota qualitativa e de participação em aula. O resultado foi marcado por diversidade de abordagens, com trabalhos que variaram desde representações detalhadas das vestimentas e construções até textos criativos que dialogavam com personagens fictícios ou históricos.

Enfim, durante a aplicação, enfrentaram-se desafios como o tempo reduzido para aprofundar o conteúdo, o uso ocasional de nomenclaturas eurocêntricas em referência a certos povos, e a dificuldade inicial em despertar o interesse dos alunos, superada gradualmente à medida que a proposta se desenvolvia e os estudantes compreendiam a liberdade criativa oferecida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionou uma melhoria significativa na compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural dos povos originários, ampliando não apenas o conhecimento factual, mas também o respeito e a valorização dessas culturas. Segundo Freire (2014), práticas educativas que permitem ao educando exercer autonomia e responsabilidade em sua aprendizagem favorecem a apropriação crítica do conhecimento, promovendo engajamento e significado pessoal no processo de estudo.

Além disso, a oficina buscou incorporar a perspectiva das sociedades nativo-americanas ao centrar a narrativa nos indígenas (em contraponto à hegemônica visão invasora) e incentivar produções criativas que refletissem seus elementos culturais. Assim, concretizou-se o que a Wittmann considera essencial, favorecer o diálogo entre o conhecimento histórico e o respeito à alteridade indígena (Wittmann, 2018).

Nesse sentido, a qualidade e a variedade das produções entregues pelos alunos indicaram que a liberdade metodológica adotada contribuiu para que cada estudante internalizasse e traduzisse o conteúdo de maneira pessoal. Apesar das alterações no quadro de turmas do PIBID, ocasionadas por fatores externos, que dificultaram um acompanhamento prolongado dos resultados, houve a oportunidade de retornar à sala para agradecer e reconhecer o empenho dos participantes, reforçando o valor do reconhecimento e da reciprocidade na prática educativa.

A oficina “Povos da América” evidenciou que, mesmo em contextos de tempo restrito e com recursos limitados, é possível promover práticas pedagógicas significativas, desde que se estabeleça um equilíbrio entre rigor histórico, contextualização cultural e estímulo à criatividade discente. A experiência sugere que futuras atividades poderiam ser aprimoradas com maior tempo de desenvolvimento, incorporação de recursos audiovisuais, uso consistente das nomenclaturas originais das etnias – de maneira a reiterar o caráter decolonial do conteúdo – e momentos estruturados para debate e reflexão coletiva. Trata-se, portanto, de um exemplo de como a atuação no PIBID pode aproximar a escola da pluralidade cultural e histórica das sociedades americanas, contribuindo para a formação crítica e cidadã dos estudantes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014. Disponível em <https://books.google.com.br>. Acesso em 14 de agosto de 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: [BNCC](#). Acesso em 13 de agosto de 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em [L11645](#). Acesso em 13 de agosto de 2025.

WITTMANN, Luisa Tombini. **Ensino (d)e História Indígena.** Belo Horizonte, São Paulo: Autêntica, 2018.